DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 05 | Nº. 10 | Ano 2024

A FORMAÇÃO MORAL E CÍVICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE ANGOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO OCIDENTAL

MORAL AND CIVIC EDUCATION IN PRIMARY EDUCATION IN ANGOLA: A REFLECTION ON THE INFLUENCE OF WESTERN EDUCATIONAL PHILOSOPHY

António Pedro Eduardo

RESUMO: O artigo analisa a formação moral e cívica no ensino fundamental de Angola e a influência da filosofia e da educação ocidental, com foco nos alunos da 5ª classe. A pesquisa identificou os fundamentos da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC) e sua presença nos currículos, examinando o manual do aluno. Também discutiu o impacto da filosofia educacional ocidental na formação dos alunos angolanos, considerando seu contexto. A metodologia baseou-se em revisão bibliográfica e na análise do manual da EMC, que introduz o pensamento filosófico aos estudantes. A EMC em Angola incorpora muitos fundamentos do pensamento ocidental disseminados pela educação e suas tradições literárias.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da Educação; Disciplina da EMC; Angola

ABSTRACT: The article analyzes moral and civic education in primary education in Angola and the influence of Western philosophy and education, focusing on 5th-grade students. The research identified the foundations of the Moral and Civic Education (MCE) discipline and its presence in curricula by examining the student manual. It also discussed the impact of Western educational philosophy on the moral and civic formation of Angolan students, considering their context. The methodology was based on a literature review and the analysis of the MCE manual, which introduces philosophical thought to students. MCE in Angola incorporates many foundations of Western thought disseminated through education and its literary traditions.

KEY WORDS: Philosophy of Education; EMC Discipline; Angola

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

Márcio dos Santos Rodrigues
marcio.strodrigues@gmail.com

A FORMAÇÃO MORAL E CÍVICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE ANGOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO OCIDENTAL

António Pedro Eduardo[1]

INTRODUÇÃO

No artigo apresentado, temos como recorte de discussão a prática educacional angolana, especificamente voltada para a formação moral e cívica no ensino fundamental de Angola, com uma reflexão sobre a influência da filosofia da educação ocidental. Utilizando uma metodologia estritamente bibliográfica e descritiva, o estudo tem como objetivo geral investigar a influência da filosofia da educação ocidental na formação moral e cívica no ensino fundamental angolano. Para isso, a discussão será estruturada em três seções. A primeira trata dos princípios da filosofia da educação ocidental na formação moral e cívica em Angola, analisando a influência desse pensamento no ensino dessa disciplina a partir do final do século XX e início do XXI. Nesta seção, abordamos a inserção da criança no pensamento filosófico por meio do material didático escolar. Em Angola, as instituições de ensino fundamental assumiram a responsabilidade de introduzir as crianças no estudo da filosofia, estimulando seu interesse a partir da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC). A segunda seção aborda a implementação prática da Educação Moral e Cívica e sua incorporação nos currículos do ensino fundamental. A discussão se concentra na análise da disciplina de EMC, tendo como objeto o Manual do Aluno da 5ª classe em Angola. Esse livro didático tem a finalidade de ser o primeiro material de contato da criança angolana com temas filosóficos e com os princípios de convivência social e política. Por isso, analisamos sua estrutura e os fundamentos presentes em sua base de pensamento e organização social e política.

Nesta seção, observamos ainda que o livro didático de EMC, como parte da reforma do ensino angolano, se insere em um conjunto de conteúdos que apresentam uma visão ampla, reunindo conhecimentos provenientes de distintas perspectivas e saberes. Assim, percebe-se que, nos materiais didáticos, há referências a narrativas e contextos sociais que nem sempre correspondem diretamente à realidade angolana. Por fim, a terceira seção analisa o impacto da filosofia da educação ocidental na formação moral e cívica dos alunos angolanos, considerando seu contexto. Aqui, examinamos como os fundamentos da filosofia educacional tradicional ocidental se enraizaram no pensamento coletivo e social angolano, influenciando sua forma de conceber e organizar a sociedade. Esse processo, que pode ser resultado da transmissão geracional na educação, reflete-se também na formação dos professores nos cursos superiores das instituições

[1] Mestrando em Educação pela USP. nagato_deidara@usp.br

angolanas. Consideramos que Angola, ao adotar a estrutura de ensino escolar herdada de seu ex-colonizador, apropria-se, consequentemente, de toda a complexidade que acompanha esse modelo educacional, desde a língua portuguesa até a forma de pensar e organizar social e filosoficamente os fatos.

É fundamental ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é apresentar uma análise profundamente crítica e decolonial capaz de evidenciar os impasses e desvantagens da modernidade e contemporaneidade no contexto angolano. A proposta centra-se na análise do livro didático de Educação Moral e Cívica (EMC) da 5ª classe do ensino fundamental angolano, buscando descrever os fundamentos filosóficos que estruturam seu pensamento e são transmitidos às crianças em sala de aula por meio do processo educacional. Talvez esta investigação levante questionamentos decoloniais e sugira propostas para a EMC baseadas em princípios filosóficos especificamente angolanos. Isso se deve ao fato de que, atualmente, os estudos sobre filosofia africana avançam continuamente, tornando-se capazes de apresentar e representar novas formas de educação e saberes cada vez mais distantes do modelo ocidental e de sua epistemologia hegemônica. Dessa maneira, o artigo propõe refletir sobre a educação filosófica no ensino fundamental angolano, estimulando pesquisas nesse campo, o que se justifica por sua relevância social. Afinal, a atenção ao ensino fundamental é uma responsabilidade coletiva, e cabe a todos participar e contribuir de forma consistente e contínua. Nesse sentido, acreditamos que, no debate sobre o ensino de filosofia na educação básica angolana, ainda há diversos aspectos a serem considerados. Em um único ensaio acadêmico, há limitações para abordar de maneira aprofundada algumas questões fundamentais. Por isso, este estudo se propõe como um ponto de partida para um debate essencial à sociedade angolana, na qual as crianças ocupam o centro desse diálogo.

Os princípios da filosofia da educação ocidental na formação moral e cívica de Angola

Nesta seção, não pretendemos desenvolver uma abordagem descritiva e extensa sobre a filosofia da educação ocidental, tampouco historicizar a emergência da educação colonial em Angola. Nosso objetivo é realizar um estudo breve e criterioso sobre a influência do pensamento filosófico da educação ocidental na formação moral e cívica no ensino fundamental angolano, com foco no período que se inicia no final do século XX e se estende ao início do XXI. Para tanto, é essencial considerar o contexto da luta de libertação angolana, em que o país, no período pós-guerra, enfrentou estagnação em diversas esferas — social, política e econômica — como consequência dos embates armados travados por sua independência.

Após a independência, Angola precisou responder tanto às necessidades imediatas de sua população quanto às demandas internacionais impostas a uma nação recém-liberta. Questões como

alfabetização, formação especializada para inserção nos setores produtivos e diplomáticos, estabelecimento de um governo estável e democrático, criação de instituições de saúde e desenvolvimento econômico tornaram-se prioridades. Nesse cenário, a construção das políticas sociais e econômicas, incluindo as educacionais, desenvolveu-se de forma complexa e com desafios significativos. Pesquisadores da educação angolana reconhecem que o modelo nacional de ensino se baseia no modelo europeu e, por consequência, tem suas diretrizes fundamentadas na filosofia educacional ocidental, reflexo direto da herança colonial. Para compreender esse legado, é necessário examinar os princípios filosóficos que sustentam a formação moral e cívica ensinada nas escolas fundamentais de Angola.

A primeira proposta pedagógica elaborada por angolanos para angolanos surgiu com o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) na década de 1960. Seu objetivo era a criação de um "Novo Homem", dotado de consciência política, alinhando-se ao pensamento do filósofo Antonio Gramsci, que entendia o papel dos intelectuais como essencial no desenvolvimento de uma consciência crítica (LIMA, 2020, p. 293). Essas propostas pedagógicas foram desenvolvidas por estudantes intelectuais militantes angolanos, influenciados por instituições como a Casa dos Estudantes do Império (CEI), associações acadêmicas como o Centro de Estudos Africanos, o Clube Marítimo Africano, a Casa de África, além de movimentos como o Movimento de Unidade Democrática Juvenil (MUDJ) e o Movimento Anticolonialista (MAC) (IBIDEM, p. 291).

Na década de 1960, o pensamento filosófico marxista tornou-se a base dos ideais literários dos membros do MPLA, em um contexto de luta pela libertação nacional. Esses escritos foram utilizados como materiais didáticos em práticas pedagógicas anticolonialistas, cujo propósito era a emancipação das consciências angolanas. Segundo Lima (2020, p. 293), "o MPLA seria o grande organizador da educação, pois se entendia que sua função seria despertar na população a compreensão da sua realidade e, como consequência, a própria sociedade promoveria uma ação transformadora", perspectiva que, posteriormente, encontra ecos em pensadores como Paulo Freire (1987). Esse chamado à transformação, difundido pelos agentes da luta pela independência angolana na proposta educacional do MPLA, encontra suas raízes no pensamento de Marx e Hegel, onde "o educador deve ser educado para transformar as circunstâncias e, consecutivamente, a educação que nos forma, em direção a uma práxis revolucionária" (VALENTIM; MOÇO, 2024, p. 38).

Exemplos marcantes desse ideário podem ser encontrados em obras como *As Aventuras de Ngunga*, de Pepetela, publicada na década de 1960, e na história *Vitória ou Morte! Manual de Alfabetização*, de 1965, elaborada pelo MPLA. Essas obras foram utilizadas como manuais pedagógicos voltados à educação e à emancipação do povo angolano, com o objetivo de despertar

uma consciência revolucionária. No contexto do pensamento filosófico marxista defendido pelo MPLA, a luta do homem pela sua substância transformava-se, naquele momento histórico, no direito dos angolanos de conquistarem a soberania sobre suas próprias terras africanas, reafirmando sua identidade e autodeterminação frente às imposições coloniais.

> A preocupação principal do MPLA ao educar a sociedade, compunha um projeto muito maior do que alcançar a liberdade da nação, mas pensando a longo prazo, seria formar cidadãos capazes de conduzir o povo dentro da lógica do socialismo no pós-independência, principalmente aqueles que iriam atuar nos quadros administrativos do partido, pois o povo como um todo formaria essa administração, e não apenas aqueles que possuíssem uma formação privilegiada. Esse discurso também se encontra presente na fala de Agostinho Neto, um dos líderes do MPLA durante a guerra de independência (LIMA, 2020, p. 293).

Na contemporaneidade angolana, as instituições de ensino fundamental assumiram a responsabilidade de atuar como agentes na inserção das crianças no estudo da filosofia, promovendo seu interesse por meio da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC). Pesquisadores que estudam o ensino da filosofia nas instituições angolanas, como Inácio Valentim (2024) e Feliciano Nanga Moço (2024), consideram a formação filosófica uma prioridade essencial dentro das humanidades, destacando a importância do poder argumentativo como elemento indispensável para a vida do indivíduo, tal como proporcionado pela filosofia. Segundo esses autores, ensinar filosofia significa "oferecer aos estudantes habilidades fundamentais para a formação de cidadãos críticos e reflexivos" (VALENTIM; MOÇO, 2024, p. 38). Além disso, sustentam que as sociedades que priorizam o ensino filosófico na formação de seus alunos são aquelas que compreendem o ser humano como o centro e a finalidade do objetivo social.

Nessa perspectiva, é relevante considerar o papel da filosofia como elemento de conversão humana, tanto por meio da linguagem argumentativa quanto pela formação de cidadãos mais reflexivos. Esse processo está intrinsecamente ligado à educação escolar como meio de socialização para os angolanos. Nesse sentido, de acordo com Marcos Sidnei Pagotto-Euzébio e Rogério de Almeida (2022), a filosofia do estadunidense Richard Rorty, que contribuiu para os fundamentos da filosofia da educação moderna, atribuía à escola um papel ativo no processo de socialização dos alunos, ao ponto de considerar que ela participava do desenvolvimento de um ser humano a partir de sua condição animal. Esse mecanismo pode ser identificado na educação angolana contemporânea, como evidenciado no prólogo escrito pela então Ministra da Educação, Maria Cândida Pereira Teixeira, no livro atualizado da disciplina Educação Moral e Cívica da 5ª classe (ensino fundamental) de 2018. No documento, afirma-se que "a educação é entendida como um processo planificado e sistematizado de ensino e aprendizagem, [que] visa a preparação integral do indivíduo para as exigências da vida individual e coletiva".

Na introdução do livro didático de Educação Moral e Cívica da 5ª classe, o conhecimento individual é tomado como princípio fundamental, conduzindo o estudante a uma reflexão sobre si mesmo e, consequentemente, sobre os problemas da sociedade. O objetivo é auxiliar na preparação do aluno para lidar com as demandas da vida social. O livro destaca essa proposta ao afirmar: "é um livro que te ajudará, ainda, a construíres conhecimentos, valores, ideias, para conviveres em harmonia e poderes responder a algumas perguntas que, com certeza, tens feito a ti próprio". [2] Essa perspectiva também está presente nas reflexões de Inácio Valentim (2024) e Feliciano Nanga Moço (2024), que enfatizam a importância do processo educativo no despertar da consciência do aluno, permitindo-lhe superar os desafios impostos pela sociedade:

> Precisamos começar por despertar os jovens do sono dogmático do seu conforto prevalecente, tornando um problema o que lhes parece óbvio, revelando a gênese e os processos evolutivos daquilo que lhes parece completamente dado, induzindo a consolidação do possível como um caminho para acessar a questão crítica, sugerindo-lhes gradualmente que estão disponíveis uma linguagem e categorias mentais adequadas para lidar eficazmente com os problemas introduzidos (VALENTIM; MOÇO, 2024, p. 46).

A reflexão sobre os "porquês" de ensinar filosofia em Angola está vinculada à compreensão de que a educação se ocupa, primordialmente, da questão dos fins, tendo como base o conhecimento e o despertar individual. Esses questionamentos orientam "os alvos em direção aos quais os esforços educativos devem se orientar. [...] Portanto, ao propormos uma forma de educar, uma teoria da educação ou pedagogia, estamos ao mesmo tempo também respondendo à pergunta sobre o que fazer dos seres humanos" (VALENTIM; MOÇO, 2024, p. 59). Dentro dessa perspectiva, adaptada ao contexto angolano, a filosofia da educação é concebida como uma resposta aos problemas sociais, funcionando como um instrumento capaz de formar cidadãos críticos e conscientes das demandas e desafios da sociedade.

A SUA IMPLEMENTAÇÃO PRÁTICA: A INCORPORAÇÃO NOS CURRÍCULOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nesta seção, propomos uma análise breve do livro didático da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC) do ensino fundamental, utilizado como Manual do Aluno da 5ª classe em Angola. Esse material tem como objetivo servir como o primeiro contato da criança angolana com temas filosóficos, introduzindo-a nos princípios da convivência social e política. O livro analisado integra um conjunto de materiais didáticos reformulados pelo Ministério da Educação, conforme

[2] ANGOLA, Ministério da Educação, 2018.

indicado em sua introdução: "O Ministério da Educação levou a cabo a revisão curricular efetivada mediante correção e atualização dos planos e programas curriculares, manuais escolares, documentos de avaliação das aprendizagens e outros, das quais resultou a produção dos presentes materiais curriculares". [3] Essa reforma visa a atualizar o ensino, promovendo a formação de cidadãos mais preparados para compreender e atuar no contexto contemporâneo:

> Neste sentido, os novos materiais curriculares ora apresentados, são documentos indispensáveis para a organização e gestão do processo de ensino-aprendizagem, esperando que estejam em conformidade com os tempos, os espaços e as lógicas dos quotidianos escolares, às necessidades sociais e educativas, os contextos e a diversidade cultural da sociedade angolana. [4]

Nessa perspectiva, concordamos com os críticos dessa nova reforma quando apontam que, na tentativa de estabelecer uma nova configuração do saber e um conhecimento cultural renovado para a educação, o que ocorreu foi uma ampliação generalizada dos conhecimentos universais e a adoção de uma epistemologia hegemônica, que busca dialogar com a cultura angolana, mas mantém-se distante dela. No entanto, o propósito desta seção não é aprofundar essa discussão. Nosso foco é analisar de que maneira o ensino da filosofia está presente na educação básica em Angola por meio da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC), observando seu papel na formação dos estudantes e na construção de uma consciência crítica dentro do contexto educacional angolano.

Na introdução da disciplina, a criança é convidada a refletir sobre o *ser* e o *estar* em relação ao ambiente que a rodeia, uma concepção filosófica presente em diversas culturas que entendem o homem como sujeito e objeto de reflexão. O livro destaca essa ideia ao afirmar: "por seres pessoa, não és um ser perfeito. Mesmo quando te tornares adulto, não serás perfeito, mas estarás a seguir um caminho para te tornares uma pessoa boa. Tornamo-nos pessoas melhores quando nos relacionamos bem com as outras pessoas, com a natureza e com as diferentes culturas". [5] Implicitamente, o ensino propõe que a criança se torne uma "pessoa boa" a partir da convivência com outras pessoas, culturas e com a natureza, sugerindo que o conhecimento emerge dessa interação. Dessa forma, a educação transmitida pelo livro didático insinua que o aprendizado ocorre quando o indivíduo se expõe a essas relações e experiências. O livro se estrutura em torno de cinco temas principais para o ensino da 5ª classe: (1) *A escola como fonte de progresso social*, (2) *O meu país: minha identidade cultural e linguística*, (3) *O registo como elemento de identidade*, (4) *A reconciliação nacional em Angola* e (5) *Os direitos da criança*. Esses temas

[3] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 3.
[4] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 3.
[5] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 5.

indicam uma preocupação com a formação cidadã e a construção de uma identidade coletiva, vinculando aspectos culturais, políticos e sociais à aprendizagem da filosofia e da moralidade.

> Em vista disso, pode- se pensar que, para dar corpo aos princípios de socialização, foram organizadas as disciplinas do ensino primário mediante a reforma curricular sob o auspício da LBSE. Embora a disciplina nesse contexto possa ser vista como subdivisão de conhecimento- em Língua Portuguesa, Educação Moral e Cívica, Educação Laboral-, ela permite ser relacionada com o processo de disciplinamento, o regramento ou o conjunto de saberes que compõem os currículos do ensino primário (CURIMENHA, 2021, p. 9).

A reflexão proposta no *Manual do Aluno* sobre "o que nos torna únicos no meio de todos os outros; como crescemos, que direitos temos e como alcançá-los; como nos relacionamos com o meio que nos rodeia, com aquilo que acreditamos" [6] leva a criança angolana a conceber o ser humano como centro da reflexão filosófica, orientado à realização de determinados fins.

> "Fins ou intencionalidade são os objetivos, os alvos em direção aos quais os esforços educativos devem se orientar. Relacionados a eles estão todos os outros aspectos da educação, os 'o quê' e os 'como', os conteúdos e os modos, porque são esses fins que determinarão o resto" (PAGOTTO-EUZÉBIO; ALMEIDA, 2022, p. 59).

O livro didático fixa objetivos relacionados a comportamento, subjetividade, deveres e direitos, configurando-se como uma "eleição das coisas importantes que apontam para o bom e para o ruim, para o adequado e para o prejudicial" (IBIDEM), aspecto oriundo da tradição literária filosófica ocidental. O pensamento exposto no material didático sobre "a mensagem de cada qualidade moral" para a vida em sociedade, embora abandone a concepção do *homem natural*, demonstra uma influência evidente da teoria do contrato social. "Relacionar-se bem com as pessoas permite viver em paz e com respeito mútuo. Daí a necessidade de se praticar a justiça, a solidariedade, a fraternidade e a verdade entre as pessoas". [7] O material enfatiza a necessidade de uma relação mútua entre os indivíduos, fundamentada em regras de convivência que podem exigir a renúncia de interesses individuais em favor do bem coletivo.

O aluno do ensino fundamental da 5ª classe em Angola é orientado a adotar condutas moralmente filosóficas para viver em harmonia com os outros. No contexto da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC), essas condutas são definidas como: "Solidariedade – é o ato de participarmos de uma maneira positiva na vida do nosso semelhante; Justiça – é a ação de dar a cada um o que é devido. É exigir os direitos e cumprir deveres; Fraternidade – é o laço de união

[6] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 10.
[7] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 28.

entre os seres humanos. É tratar o outro como irmão; Coragem – é a ação firme e enérgica diante dos problemas e perigos da vida; Sinceridade – é o hábito de manifestar a verdadeira opinião sem fingimento; e, por fim, o Respeito mútuo – é um dever social. É o ato de respeitar cada pessoa tal como ela é". [8]

Para a criança na sala de aula da 5ª classe do ensino fundamental angolano, os fundamentos filosóficos e morais mencionados acima são inculcados como princípios inquestionáveis para uma convivência social harmoniosa dentro de sua comunidade. De acordo com as definições das condutas morais na disciplina EMC, a lógica do contrato social estabelece que "após a formação do corpo político pelo pacto social, é preciso estabelecer as leis, que vão lhe dar movimento e vontade por meio do estabelecimento dos direitos. As leis devem dirigir-se sempre para a coletividade e nunca para o indivíduo" (PAGOTTO-EUZÉBIO; ALMEIDA, 2022, p. 388). A disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC) fundamenta-se no conhecimento da identidade pessoal e social por meio das ações individuais, obrigações (deveres e direitos), pensamentos, crenças e valores. Assim, o currículo do ensino básico angolano concebe a EMC como:

> É uma disciplina reestruturada e repensada como uma espécie de transformação da cultura para tornar a vida cultural mais saudável e harmoniosa, mas não no sentido de disposição bem ordenada entre as partes de um todo ou da simetria cultural, o que se remeteria ao discurso que predominou entre as décadas de 1970 e 1990 a respeito da unificação cultural. Além disso, tem como finalidade ensinar as formas de agir com o outro (CURIMENHA, 2021, p. 12).

Nesta perspectiva, é essencial que a criança angolana aprenda, na disciplina de EMC, que "Eu vivo em sociedade e tenho que valorizar a cooperação e a solidariedade nos grupos que integro. Devo tomar decisões para uma convivência saudável e reconhecer a importância das regras". [9] O livro didático de EMC, como parte da reforma do ensino angolano, integra um conjunto de conteúdos que apresentam uma visão ampla, reunindo conhecimentos oriundos de diferentes perspectivas e saberes. Dessa forma, percebe-se que, nos materiais didáticos, há observações e narrativas sociais que remetem a contextos distintos do angolano. A filosofia da educação é concebida como uma resposta aos problemas sociais, conforme indicado pela análise do *Manual do Aluno* da disciplina de Educação Moral e Cívica. Sendo esse livro um dos primeiros materiais que introduzem o aluno ao pensamento filosófico, a EMC angolana incorpora diversos fundamentos do pensamento ocidental, que se disseminou pela educação a partir de sua consolidação nas tradições literárias.

[8] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 28-29.
[9] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 60.

O IMPACTO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO OCIDENTAL NA FORMAÇÃO MORAL E CÍVICA DOS ALUNOS ANGOLANOS

Não é intenção desta seção desenvolver uma discussão decolonial sobre o diálogo entre a filosofia ocidental e a filosofia dita africana na educação do continente, tampouco examinar os impactos negativos ou positivos da filosofia da educação ocidental na formação moral e cívica dos alunos angolanos. O objetivo, tanto aqui quanto ao longo de todo o artigo, é apenas analisar e compreender os fundamentos desse impacto na sociedade angolana. As crianças angolanas têm seu primeiro contato com o pensamento filosófico na 5ª classe do ensino fundamental, por meio da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC). Nessa componente curricular, os alunos, ainda que de maneira introdutória, são levados a refletir sobre a existência humana, desde sua subjetividade até sua relação com o meio social. Aprendem sobre a natureza como elemento central na transformação física e mental do ser vivo, especialmente do homem, e sobre as formas adequadas de comportamento diante desse meio.

O ensino desses fundamentos na EMC provém de um longo processo de consolidação e transformação das discussões teóricas do pensamento ocidental, transmitidas historicamente por meio da tradição literária. Tal afirmação é corroborada por pesquisas sobre a história da educação angolana, como as de Diniz Kebanguilako (2015), Manuel Brito Neto (2005), Júlio Epalanga (2023) e António Pedro Eduardo (2024), que evidenciam a educação angolana como uma herança direta da colonização portuguesa. Nesse sentido, "a educação do colono tinha suas bases na política educativa em vigor na metrópole, sendo, contudo, imbuída pela mensagem dos colonizadores, enquanto agentes da civilização" (LIBERATO, 2014, p. 1010). E esse vínculo histórico com o pensamento filosófico ocidental reverbera também na formação de professores nos cursos do ensino superior dentro das instituições angolanas. Por exemplo, o professor Filipe Cahungo, ao abordar os desafios e perspectivas da filosofia em Angola em entrevista concedida ao artigo de Murilo Rocha Seabra (2020), afirma que:

> O que há de positivo nos cursos de Filosofia em Angola é essa capacidade que temos em acolher no nosso plano escolar a Filosofia Ocidental (a europeia) e a vontade que houve por parte do Governo de Angola em ter criado o Curso de Filosofia, isto na Faculdade de Letras, assim como nos diversos Institutos Superiores de Formação de Professores espalhados pelo país (SEABRA, 2020, p. 722).

É importante salientar que algumas das universidades de Angola, por mais que ainda tenham seus currículos ligados a Portugal em sua maioria dos conteúdos, assim como também a fabricação dos materiais didáticos, nelas "hoje já se ensina, por exemplo Filosofia Africana, que é uma cadeira anual, bem como Cultura Bantu e Pensamento Filosófico Angolano; isto na

Universidade Católica de Angola (UCAN)" (Ibidem). Mas o que se pretende deixar patente nessa reflexão é que a estrutura acadêmica que, por sua vez, é responsável na formação de professores de filosofia no contexto angolano tem a sua base curricular no conteúdo do pensamento ocidental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão marítima europeia, ocorrida entre os séculos XV e XVIII, foi um dos principais vetores da difusão do conhecimento ocidental e de sua visão de mundo. Associado a esse processo, a colonização representou não apenas a ocupação física de territórios, mas também a imposição de uma estrutura epistemológica que, ao longo do tempo, consolidou a filosofia ocidental como base do ensino em diversas instituições ao redor do mundo. Esse fenômeno se insere no que Ramón Grosfoguel (2016) denomina *epistemicídio*, ao afirmar que "o privilégio epistêmico do homem ocidental foi construído às custas do genocídio/epistemicídios dos sujeitos coloniais" (GROSFOGUEL, 2016, p. 25).

Ao adotar a estrutura educacional herdada de seu ex-colonizador, Angola assimila a complexidade dessa educação, desde a língua portuguesa até a forma de organizar social e filosoficamente os fatos. Por meio das análises realizadas no livro didático da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC) da 5ª classe do ensino fundamental angolano, torna-se evidente a influência predominante da tradição literária ocidental na concepção de humanidade e na reflexão sobre a relação do ser humano com o meio ambiente natural e social no contexto angolano. Esse debate precisa ser ampliado, pois ainda há inúmeros aspectos a serem considerados. Em um único ensaio acadêmico, há limitações para aprofundar certas questões fundamentais, que aqui permanecem em aberto. Assim, convidamos à reflexão sobre essa temática, com o objetivo de fomentar um debate mais amplo sobre a formação moral e cívica no ensino fundamental angolano e seus impactos na construção do pensamento das futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTAR, Marisa. **História da educação: da antiguidade à época contemporânea**. São Carlos: Ed. UFSCar, 2009.

BOAHEN, Albert Adu. O colonialismo na África: impacto e significação. In: BOAHEN, Albert Adu (Org). **História Geral da África, vol. VII - África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010, p. 919-950.

BRANDÃO, Carlos. **O que é Educação.** São Paulo: Brasilense, 1981.

CASTELO, Cláudia. **O modo Português de estar no mundo: O luso tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933- 1961)**. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

CURIMENHA, Marcelino Mendes. Currículo e cultura nas relações sociais do ensino primário em Angola. **Revista de História da UEG**, vol. 10, n. 01, p. e012122, 2021.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente**: **Angola, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOHN, Maria da Glória Marconde**. Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Córtex, 2011.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 31, n. 01, p. 25 – 49, 2016.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 09 - 43, 2001.

KEBANGUILAKO, Diniz. **A educação em Angola: Sistema educativo, Políticas Públicas e os processos de Hegemonização e Homogeneização Política na Primeira República: 1975- 1992**. Tese – (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

LIBERATO, Ermelinda. Avanços e retrocessos da educação em Angola. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 19 n. 59, p. 1003 – 1031, 2014.

LIMA, Priscila Henriques. A proposta educacional do MPLA para a criação de um "novo homem": análise do livro "As aventuras de Ngunga" de Pepetela. **Revista Com a Palavra, o Professor**, Vitória da Conquista (BA), vol. 05, n.11, p. 284 – 307, 2020.

SEABRA, Murilo Rocha. Desafios e perspectivas da Filosofia em Angola: Entrevista com Filipe Cahungo. **Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, vol. 01, n. 02, p. 719- 728, 2020.

VALENTIM, Inácio; MOÇO, Feliciano Nanga. O ensino da filosofia nas instituições do ensino fundamental e universitário angolanos: da utilidade à essencialidade. **Ágora Filosófica**, Recife, v. 24, n. 2, p.37- 60, maio/ago. 2024.

VIEIRA, Laurindo; MENEZES, Isabel. O papel da escola angolana na educação moral e cívica. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 51, p. 197-221, 2017.

OUTROS DOCUMENTOS E FONTES

ANGOLA, Ministério da Educação. **Educação Moral e Cívica** da 5ª Classe, Manual do aluno. 2018.

HENRIQUES, Joana Gorjão. **Angola houve independência, mas não descolonização das mentes.** 2015. Youtube, 23 de fevereiro de 2015. Disponível em: https://youtu.be/rt0L7msmjFM.

Recebido em: 23/04/ 2024
Aprovado em: 11/12/2024